EDITORIAL

Reflexões do fim do mundo, para novos mundos

Gaitán-Albarracín, Nicolás

17, Instituto de Estudos Críticos

ngaitana@unal.edu.co

Serpa, Bibiana

Escola Superior de Desenho Industrial,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

bserpa@esdi.uerj.br

Grisales Bohórquez, Claudia

Departamento de Informática, Universidade

de Illinois, Urbana-Champaign

clg3@illinois.edu

Serna, Angie

Escola de Comunicação Social e Jornalismo,

Universidad del Valle

angie.serna@correounivalle.edu.co

León, Andrés Leonardo

Faculdade de Engenharia, Universidad
Nacional de Colombia

alleonr@unal.edu.co

Acero, Andrés

Universidade Sergio Arboleda, Universidad
de los Andes

ae.acero539@uniandes.edu.co

Como fazer referência a este texto: Gaitán-Albarracín, N., Serpa, B., Grisales Bohórquez, C., Serna, A., León, A. L.; Acero, Andrés. (2021). Reflexões do fim do mundo, para novos mundos. *International Journal of Engineering, Social Justice and Peace*, v. 8, n. 1, pp. 1-11. DOI <https://doi.org/10.24908/ijesjp.v8i1.14682>

EDITORIAL

Recentemente, experimentamos uma ruptura momentânea do tempo linear. Passamos a viver uma época de Chronos para uma época de Kairos. A pandemia da Covid-19 retirou-nos da nossa vida cotidiana. Diminuímos a dinâmica, sobrevivemos com o vital, vivemos um tempo qualitativo, um período de fuga. Num curto espaço de tempo, tudo voltou a acelerar. As fugas tendem a acabar rapidamente, não é fácil sustentá-las e nem todos se sentem atraídos por estar em fuga constante. Em questão de meses, começamos a habitar o que passou a ser chamado popularmente de "novo normal". As cadeias produtivas globais e locais rearranjaram-se para aproveitar ao máximo a situação, enquanto, mais uma vez, os setores historicamente subalternizados foram prejudicados, desta vez em muito maior escala.

Se olhássemos com olhos descuidados, poderíamos afirmar com grandiloquência: "Mais do mesmo". No entanto, um olho treinado ao espanto (Ballesteros, esta edição), ou pelo menos inspirado pela curiosidade, também poderia perceber os novos tipos de sociabilidade que as condições nos levaram a pensar e praticar enquanto as formas de exploração continuam, se renovam e se reinventam. Entre estes modos de sociabilidade, temos sido capazes de colaborar à distância, de estar com nossa família, de cuidar de nosso animal de estimação, de semear, de protestar batendo uma panela ou de monitorar a ação estatal a partir do computador. Temos sido capazes de tecer novos laços, alguns dos quais conseguimos manter, outros que não conseguimos, e mais alguns que temos transformado continuamente para evitar que fiquem presos nesta "nova normalidade" mal denominada. Somos praticantes de novas existências, resistências e re-existências em constante transformação. Ainda estamos em busca de coexistir de novas formas.

As tecnologias têm o poder de moldar a vida social e, ao mesmo tempo, podem funcionar como formas de poder na vida social (Hatch, 2019, p.134). Observamos políticos e profissionais se armarem com leis, bancos de dados e outras engenhocas técnicas para colocar uma sociedade pandêmica "para trabalhar". Observamos como as linhas de produção eram rapidamente montadas para treinar profissionais e técnicos para testes de Covid-19 em escala, e também como o isolamento físico e as medidas restritivas foram decretados ou impedidos no nível da biopolítica. Muitas vezes testemunhamos e participamos de máquinas sócio-técnicas que aprofundaram as desigualdades, injustiças e iniquidades, em vez de suavizá-las. Em outras palavras, como as formas de exploração se multiplicaram e se intensificaram. Outras vezes, percebemos como a posse e o conhecimento sobre o uso de um computador foram impostos a nosso próprio corpo e ao de outras pessoas, condicionando nossa efêmera existência. Testemunhamos também, de nossos lugares críticos mas confortáveis, como a negação do conhecimento científico aprofundou as desigualdades, expondo a população mais vulnerável aos riscos diante do que parecia ser um culto cego da economia. Ao mesmo tempo, vimos o sofrimento das pessoas com o desemprego, o oportunismo do sistema financeiro e a dureza da informalidade. Fomos forçados a reconhecer a complexidade da situação – uma situação de

cuidado – na qual é necessário tomar partido, mesmo sabendo que cada decisão tem consequências.

Em qualquer caso, manifesta-se a necessidade de reunir sociedades diferentes, onde as tecnologias que projetamos e usamos não nos levem a aprofundar esses mundos indesejados - por muitos -, onde possamos defender a multiplicidade de sistemas sociotécnicos que não subjuguem outros seres em sua tentativa de existir e que não perpetuam mundos patriarcais, injustos, violentos, coloniais, extrativistas, militaristas, racistas, heterossexuais e capitalistas. Ou seja, abandonar o medo, a raiva e o desprezo insensível, que como Hatch nos lembra, "são os filhos emocionais queridos do colonialismo dos colonos, da misoginia e da supremacia branca" (2019, p.134).

Não podemos continuar criando e usando soluções tecnológicas míopes (Hatch, 2019, pp.134-135), nas quais apenas tentamos silenciar os sintomas superficiais, sem abordar os problemas que irrompem sob as camadas de nossa sociedade. Ou continuaremos acreditando que o problema atual é um vírus e que sua solução é apenas uma vacina? É possível que este hábito moderno de reduzir muitos mundos a um só mundo nos leve a estas formas de raciocínio, deixando de lado o pensar, o sentir, o investigar e o fazer algo em relação aos múltiplos e complexos fatores que levaram ao surgimento e difusão deste. Isso não tem nada a ver com nossos modos de existência históricos e atuais? Por quanto tempo vamos fingir que este modelo de progresso que está sendo empurrado goela abaixo nos trará bem-estar? (Krenak, 2019, pp. 20-21). É necessário questionar a ideia moldada de uma humanidade homogênea (Krenak, 2019, p. 24). Este chamado nada mais é do que uma oportunidade de projetar outras possibilidades de existência, de re-existência, nas quais um e outro podem continuar a existir sem perder sua alteridade. Façamos e utilizemos tecnologias que nos permitam coabitar com este maravilhoso planeta, sejamos verdadeiramente terrestres. Ou melhor, verdadeiramente terrenos. Somos terrenos: humanos, montanhas, empresas, gatos, Estados. Vamos refletir sobre o que é verdadeiramente indispensável em nossos territórios para sobreviver com o resto (Latour, 2019, p. 136). Quando levamos este tipo de investigação a sério, poderemos habitar outros mundos possíveis.

A chamada de artigos e reflexões para este número surgiu em meio à incerteza do início da pandemia em nossos países, uma incerteza cheia de silêncio, mas não calma, num momento em que as histórias do que esta crise significaria estavam começando a construir-se (Segato, 2020). Convidamos, então, a refletir sobre as múltiplas realidades que estavam tomando forma, retomando a proposta de Ailton Krenak – ativista e pensador indígena – e Bruno Latour – intelectual francês – que são resenhados nesta edição. Estendemos a proposta de Latour (2020) para refletir sobre o que gostaríamos que permanecesse suspenso, o que gostaríamos que emergisse em seu lugar, e as consequências dessas substituições. Ao tomar emprestada esta proposta, convidamos colegas de todas as áreas de projeto, seja engenharia, design ou arquitetura, a refletir sobre este período de suspensão (parcial) do mundo, sobre a realidade em construção e

sobre nossas práticas de projeto nesta (outra) realidade na qual múltiplos seres fazem história. Também convidamos todos e todas a refletirem sobre o que perdemos e o que continuamos perdendo; a lembrar, a lamentar e a deixar ir o quanto for necessário, sem esquecer os laços que temos com o passado, assim como nossos compromissos com os futuros.

Aceitamos o chamado de Krenak para adiar o fim do mundo, para construir desejo e praticar uma verdadeira transformação que nos permitisse sair dessa muito melhor do que entramos. Sem falsas promessas, sem ideais ingênuos, mas aprendendo a ouvir e refletir. Assim, com sabedoria coletiva, talvez possamos suspender o céu, ou seja, expandir nosso horizonte existencial e enriquecer nossas subjetividades para criar novas formas de viver juntos na diferença, buscando a igualdade. Desta forma, convidamos você a refletir sobre as práticas e experiências de solidariedade, esperança e transformação. Finalmente, terminamos com um apelo convidando-nos a encontros, agora tão afetados pela distância física imposta como medida preventiva contra a propagação do vírus. Os encontros são os lugares-espacos onde a realidade é construída. Esta revista é também sobre encontros, como nos lembra Krenak (2020):

"Adiamos o fim de cada mundo, cada dia, criando exatamente um desejo real de nos encontrarmos amanhã, no final do dia, no ano que vem. Esses mundos encapsulados uns nos outros que nos desafiam a pensar em um possível encontro de nossas ações - é um desafio maravilhoso".

Este número constitui um arquivo de reflexões, experiências e momentos da pandemia, um arquivo na forma de uma colcha de sentimentos, reflexões e indagações; uma série de fotogramas que mostram a convulsão de 2020 e os interstícios onde surge a possibilidade.

Resumo Reflexões

Sebastián Gómez inaugura a seção de reflexões deste número com o texto "El miedo a no abrazar jamás", onde ele representa de forma poética as diferentes interrupções geradas pela pandemia e o anseio por aquelas expressões de afeto e esperança suspensas neste período.

Leonardo León nos acompanha com o texto "Repensar la ingeniería para superar la crisis", uma reflexão crítica sobre o papel da engenharia no contexto de uma crise civilizatória, no contexto de uma sociedade em pandemia.

Além disso, Allen Townsend e Katelyn Stenger aproveitam o chamado para refletir sobre suas experiências pessoais na prática da engenharia para a justiça social. Em seu texto eles identificam alguns elementos problemáticos de ações tão bem intencionadas que podem acabar reproduzindo formas de opressão. Concluem propondo a possibilidade de uma prática e educação de engenharia livre de opressão, inspirada na alegria, no bem-estar e no amor.

Laura Upegui e Andrés Acero, por sua vez, apresentam um exercício interativo, "Mappa Ingeniare", um mapa narrativo que nos permite explorar os diversos territórios que compõem a engenharia.

Resumo Artigos

Carolina Salcedo, Juan David Reina-Rozo e Mateo Vega-Noguera nos mostram que é possível construir redes de engenharia comprometidas com a transformação da realidade, com base no estudo de três casos na Colômbia, Brasil e um caso internacional, no qual a colaboração é um elemento característico e fundamental que permite a busca, na prática, de um mundo pacífico com justiça social, articulando esforços a partir do nível local.

Logo depois, Mateus Pelanda e Frederick van Amstel entrelaçam conceitos dos estudos de infraestrutura com os conceitos do xamanismo Yanomami e apontam conexões político-ecológicas que se evidenciaram durante a pandemia da covid-19 no Brasil. Por fim, com base no pensamento ameríndio, eles propõem reflexões e notas metodológicas sobre as possibilidades de mudança de foco nas práticas de projetos de infra-estrutura de informação.

Em terceiro lugar, Luan Nguyen pede aos profissionais da ciência e engenharia que parem de praticar a cultura do desengajamento e que se pronunciem contra o racismo, explicitamente evidenciado nos Estados Unidos – novamente – com o brutal assassinato de George Floyd pela polícia em maio.

Finalmente, Juan David Reina-Rozo e Luis Fernando Medina-Cardona examinam a importância das práticas científicas abertas em contextos de crise. Com base em exemplos interessantes de construção e disseminação do conhecimento como um bem comum, os autores argumentam que um movimento tecnocientífico baseado na solidariedade e numa cultura aberta e livre é necessário para transformar os múltiplos locais de produção do conhecimento.

Este editorial não reúne todas as contribuições devido à natureza contínua deste número, no entanto, convidamos você a explorá-lo em sua totalidade e a descobrir a riqueza do arquivo heterogêneo que elas compõem.

MUTIRÃO EDITORIAL¹

Para esta edição da revista geramos um encontro em meio a dificuldades e incertezas; um encontro de vontades e afetos, de idiomas e contextos, que nos permitiu acompanhar uns aos outros na criação, na solidariedade e no intercâmbio. Em tempos de crise, a melhor coisa a fazer é nos reunirmos, e assim reunimos nossas equipes editoriais do Sul e do Norte para construir esta edição em comunidade. No Brasil, nos chamariam mutirão: uma obra coletiva que tecemos com autores e revisores por quase um ano e cujo fio condutor agora estendemos aos nossos leitores para continuar tecendo.

A seguir, apresentamos os participantes deste mutirão editorial.

Bibiana Serpa

A luta me mantém esperançosa através da práxis feminista emancipatória e anti-capitalista. Estou preocupada com as questões políticas do design: que conhecimentos mobilizamos e que formas de estar no mundo defendemos em nossa prática? Que mundos são criados e quais são destruídos por nossos projetos? Sou militante feminista e investigo, junto com ao movimento e à educação popular, práticas políticas e criativas que permitam a organização e a mobilização coletiva para construir outros mundos possíveis.

Nicolas Gaitán-Albarracín

Cada dia sou um devir outro e hoje em dia sou um devir-solo. Eu estou me permitindo ser seriamente terrestre. Por enquanto estou investigando as formas de fazer solo na Colômbia, a fim de apoiar e tornar visível esta matéria que nos sustenta. Nesta ocasião, para a revista continuo a explorar a entrevista como outra forma de documentar a vida de humanos interessantes que têm marcado nossos caminhos. Atualmente estou facilitando os clubes de Ciência, Tecnologia e Arte para meninas.

Claudia Grisales

Entre tantas reinvenções, às vezes prefiro aprender com os seres que sustentam. Eu faço pesquisa a partir do design com as pessoas ao meu redor, em espaços do cotidiano, onde constantemente se criam e se aniquilam as possibilidades de um ser-fazer-conhecer diferente. Meu trabalho recente se concentra nas relações de apoio e cuidado que ocorrem em torno de diferentes tecnologias, participação e design comunal e comunitário.

¹ Del mutirão (minga o trabajo colectivo) se entiende como la ejecución de un servicio colectivo en un corto espacio de tiempo y que beneficie a una comunidad. Es un término ampliamente utilizado en espacios entre trabajadores de campo, al cortar, cosechar, y en espacios como las favelas, donde hay movilización colectiva para obtener agua, luz y para la construcción de viviendas y caminos.

Angie Serna

Estudante e filha. Mãe de uma planta de manjerição e de uma planta de coentro menor. O fascínio pela poética, pelo som e imagem visual do mundo me levou a estudar a comunicação social e o jornalismo. Pelo caminho, percebi que também gosto de contar histórias para contribuir com a justiça social e ambiental. Escuta atenta, cuidado e trabalho conjunto tanto na academia como nas ruas, são as convicções que me mobilizam para imaginar e criar outro mundo possível.

Andrés Leonardo León

Militante do socialismo, em constante luta por outro mundo possível, da academia, mas também da cidade e do campo. A universidade deve formar mais sujeitos para a transformação e menos mão-de-obra para o mercado, porque o sistema capitalista está nos levando ao abismo, ao fim do ser humano como uma espécie que habita a Terra e, no processo, está levando tudo em seu caminho, porque a modernidade eurocêntrica nos ensinou a ver a natureza como uma fonte a ser saqueada. A engenharia é em grande parte responsável por isso, mas também tem o potencial e a materialidade de contribuir para a construção de um mundo equitativo e justo. É nisso que estamos trabalhando.

Andres Acero

Inventar e reinventar o mundo exige não só conhecimento, mas também o reconhecimento do poder que temos. É por isso que eu trabalho para construir a sociedade a partir de uma visão sistêmica, com as pessoas. Uma nova visão é construída quando aprendemos a nos ver, a pensar em nós mesmos, e é isso que eu quero que todos aqueles que toco alcancem. Você já pensou em si mesmo também?

Andrea Haverkamp

Doutora em Engenharia Ambiental com uma especialização em Estudos do Queer da Universidade Estadual do Oregon. Sua pesquisa explora a cultura e a experiência em engenharia através de estudos trans, teoria queer e crítica anti-capitalista. Ela é formada em Engenharia Química pela Universidade de Kansas e tem um mestrado em Engenharia Ambiental pela Universidade Estadual do Oregon.

Mira Olson

A Dra. Mira Olson é professora associada do Departamento de Engenharia Civil, Arquitetônica e Ambiental da Universidade Drexel e diretora do recém-criado programa de Engenharia da Paz, que prepara os engenheiros para orientar seu trabalho em apoio a resultados pacíficos, tais como sustentabilidade ambiental, mitigação de conflitos, direitos humanos e sensibilidade cultural. Ela é graduada em Engenharia Mecânica e em Ciências Ambientais e Engenharia pela Universidade de Rice, e tem mestrado e doutorado em Engenharia Civil (Ambiental) pela Universidade da Virgínia. Sua pesquisa se concentra na proteção da qualidade da água na fonte, com interesses

atuais na gestão de águas transfronteiriças e projetos de pesquisa baseados na comunidade. Mira atua como membro do corpo docente no Escritório de Parcerias Universitárias e Comunitárias da Drexel, onde trabalha para alinhar os esforços acadêmicos e de pesquisa da universidade com as prioridades e iniciativas comunitárias.

Shehla Arif

Shehla Arif é professora de Engenharia Mecânica na Universidade de Mount Union, Ohio. Ela integrou uma orientação de justiça social e uma mentalidade empreendedora ao seu ensino de cursos de termofluidos no Departamento de Engenharia do Sindicato do Monte. Desde 2018, ela tem sido editora da revista.

Neste espaço, queremos também agradecer a participação de um colega com quem iniciamos esta aventura e que nos acompanhou até o começo de 2020. Juan David Reina, um engenheiro que desenha-sonha mundos diferentes, comprometido com a engenharia feita com as pessoas e não para as pessoas. Foi um prazer experimentar esta proposta editorial com você, Juan David.

REVISORES QUE PARTICIPARAM NESTE NÚMERO

Estas foram as pessoas que nos apoiaram na revisão dos artigos apresentados:

Alexei Ochoa Duarte

Kirsten Heikkinen Dodson

Andrés Acero

Luisa Fernanda Payán

Antonio Mejía

Madelyn Sanfilippo

Ayush Gupta

Mariano Fressoli

Julia Sá Earp

Sâmia Batista e Silva

CHAMADA A CONTRIBUIÇÕES

Chamada "Reflexões do fim do mundo, para novos mundos"

“Se essa tragédia serve para alguma coisa é mostrar quem nós somos. É para nós refletirmos e prestar atenção ao sentido do que venha mesmo ser humano. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. Tomara que não”.

Essa fala é de Ailton Krenak, ativista indígena e um dos mais destacados entre os pensadores contemporâneos, em uma das tantas palestras sobre seu último livro "Ideias para adiar o fim do mundo". Com a sabedoria dos povos originários desta terra, que enfrentam ameaças mortais no cotidiano, Ailton nos convida a refletir verdadeiramente sobre quem somos, qual existência estamos vivendo e qual desejamos viver.

O mundo está em suspensão, disse. A pandemia do covid-19 obrigou o mundo a parar, pelo menos parcialmente. O impossível foi feito. Pararam as máquinas. Ao Estado foi cobrada intervenção máxima. Quem puder, que fique em casa. E quem não pode? Os tempos são incertos e diversos intelectuais enunciam a mudança. Alguns acreditam que a pandemia é uma chance para repensar a sociedade e construir um futuro melhor, outros temem que isso possa piorar as injustiças existentes.

Essa disputa já está colocada. De longe, vemos um sistema suspenso, parcialmente funcional e completamente incapaz. De perto, criamos novos hábitos e forjamos redes de todos os tipos. Isso não diz muito, aliás pode não ser nada. A volta pode ser ainda mais cruel se os capitalistas se sentirem no direito de recuperar seus lucros (aqueles que não foram "espertos" para lucrarem da tragédia, claro). A máquina de moer gente continua ligada, não se engane. A menos que

possamos construir um desejo (e uma prática) de transformação real, a partir de baixo, sairemos dessa muito pior do que entramos.

A realidade não é, ela sempre está sendo. Hoje vivemos, como em poucos momentos antes e talvez nunca para essa geração, em um mundo suspenso. A realidade, no entanto, continua se construindo. Somos agentes dessa realidade e conscientes de suas desigualdades estruturantes, mas não estamos na centralidade, somos com a natureza e a natureza é conosco. Quando a suspensão findar e o mundo finalmente cair, onde estaremos?

Bruno Latour, pensador francês, reivindica, ao mesmo tempo que Krenak, nossa reinvenção do progresso e do desenvolvimento. É uma oportunidade de colocar tudo em questão. Nos parece que a pior coisa que poderia acontecer é voltarmos a ser exatamente o que éramos, a fazer exatamente o que fazíamos.

Pensando nisso, questionamos o que queremos construir enquanto realidade. Latour, em seu último artigo*, propôs um exercício no qual o pensador nos convida a imaginar tudo que gostaríamos que continuasse suspenso, quais atividades surgiriam em seu lugar e quais seriam as consequências dessas inversões. Tomando emprestado esta proposta, convidamos colegas de todas as áreas de projeto, sejam das engenharias, do design ou da arquitetura, a refletirem sobre esse período de suspensão (parcial) do mundo, sobre a realidade em construção e sobre como serão nossas práticas projetuais nesta (outra) realidade. Pensamos que este é um momento que nos permite refletir sobre o que perdemos e continuamos a perder, lembrar, lamentar e deixar ir quando necessário, sem esquecer os laços que temos com o que foi, bem como nossos compromissos com novos futuros.

Para esta edição especial, convidamos contribuições de várias formas e formatos, de forma livre, como pensamentos e pessoas, para que possamos imaginar outras possibilidades de existência. Palavras, bem como imagens e criações de todos os tipos, são bem-vindas para contar histórias de solidariedade que surgem de contextos locais ou para imaginar um presente e futuro mais justos. Convidamos contribuições individuais e coletivas em espanhol, português e inglês na forma de ensaios reflexivo-analítico-criativos, relatórios de iniciativas de ativismo e ação comunitária, reflexões sobre arquivos audiovisuais, criações artísticas e outras formas não convencionais de expressão e reflexão.

Este é um convite para escrevermos juntos e sonhar com outros mundos. Esta edição da revista será revisada por editores e comentaristas convidados, ao contrário da revisão por pares que implementamos nas edições anteriores.

Terminamos o chamado conclamando aos encontros, agora tão afetados pelo distanciamento físico imposto como medida preventiva ao alastramento do vírus. Os encontros são os lugares-espacos onde a realidade se faz. Essa revista também é sobre encontros.

"Nós adiamos o fim de cada mundo, a cada dia, exatamente criando um desejo de verdade de nos encontrarmos amanhã, no final do dia, no ano que vem. Esses mundos encapsulados uns nos outros que nos desafiam a pensar um possível encontro das nossas existências – é um desafio maravilhoso".

REFERÊNCIAS

- Foucault, M. (2009). Nacimiento de la biopolítica: curso del Collège de France (1978-1979) (Vol. 283). Ediciones Akal.
- Hatch, A. R. (2019). Silent Cells: The Secret Drugging of Captive America. U of Minnesota Press. p. 134
- Krenak, Ailton. (2020). O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, Ailton. (2020). Conferência “Perspectivas Anticoloniais: O que ainda podemos imaginar juntos?” en la 7 Mostra Internacional de Teatro de São Paulo en marzo de 2020.
- Krenak, Ailton. (2019). Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Latour, B. (2019). Dónde aterrizar. Taurus. p. 136-137.
- Latour, B. (2020). “¿Qué Medidas De Protección Para Evitar El Regreso Del Modelo De Producción De La Precrisis?”. <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-ESPAGNOL.pdf>
- Segato, R. [C5N]. (2020, marzo 31). Entrevista a la antropóloga Rita Segato en Brotes Verdes [Archivo de video]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=L5JjUAW82is>